



Noite

noite@timeout.pt



Cheryl Máscaras felinas, chumbo nos olhos, expansões capilares, sangue falso e purpurina – uma receita de sucesso

A festa que vai arruinar a vossa vida

Luís Filipe Rodrigues errou. Não prestou a devida atenção à estreia do colectivo Cheryl em Lisboa, em Janeiro, e arrependeu-se. Seis meses depois, os novaiorquinos estão de volta, e diz que ninguém deve cometer o mesmo erro.

1 É o tipo de festa que Lady Gaga daria se não tivesse a agenda muito preenchida.

Vestidos de carne? Pfff... isso é para meninos. (Um mês) antes de o mundo saber quem raio era a Lady Gaga, já esta gente dava festas extravagantes em Brooklyn, com tipos mascarados de pizza ou yeti porto-riquenho. É assim desde 2008, quando Nick, Destiny, Stina e Sarah, os quatro membros do colectivo, decidiram dar uma festa capaz de "arruinar vidas" (tudo menos aborrecida, portanto), com um *dress code*

insano, máscaras de gato, chumaços, extensões capilares, purpurina, sangue falso e electro-indie. A coisa tem sido um sucesso tão grande que, no ano passado, os principais meios de comunicação novaiorquinos (desde o *New York Times* à *Time Out New York*) elegeram a Cheryl como a melhor festa da cidade que nunca dorme.

2 As pessoas dançam como em mais lado nenhum.

Reza a lenda que, antes da organizarem a primeira festa, Nick, Destiny, Stina e Sarah não sabiam ao certo o que ia acontecer. Tinham apenas um nome: Cheryl; uma dança: Cheryl; e um visual: muito Cheryl. Concentremo-nos na dança: a Cheryl, uma espécie de lambada para o século XXI. Quer dizer, não é bem uma lambada, mas não é isso que interessa – o que interessa é que é um estilo único, que não se dança em mais lado nenhum, literalmente.

3 Pode aproveitar a festa para renovar o se guarda-roupa.

Há quem não consiga sair à noite sem se aperaltar. Se é uma dessas pessoas, estimado leitor, esta festa não é para si. Se calhar estamos a exagerar um bocadinho, convém aperaltar-se, mas é melhor não levar a sua camisola favorita para o MusicBox. É que ela pode não sobreviver à noite de sábado. Entre jorros de sangue falso, explosões de purpurina e restante demência, as probabilidades de a roupa chegar a casa feita num oito são elevadas. Quem avisa, amigo é.

4 Sempre pode dizer que está a ver arte.

Se não quiser ser acusado de boémio, pode sempre dizer que a Cheryl não é uma festa, mas sim uma celebração artística. De seguida, cite alguns dos lugares por onde este colectivo multimédia já passou, como o Whitney Museum of Art ou o MoMA (sim, esse MoMA). A festa foi idealizada por pessoas com

alguma sensibilidade artística, e tão ou mais importantes do que a purpurina ou o sangue falso são os vídeos *arty* que a trupe publica antes de cada edição e onde revela o *dress code* e o tema da mesma.

5 É a única festa em que estrelas de Hollywood põem chapéus de alumínio.

São poucas as festas em que vemos pessoas com chapéus de alumínio. São menos ainda aquelas em que essas pessoas não são maluquinhos das teorias da conspiração, mas antes estrelas de Hollywood, daquelas que são nomeadas para Óscares. E quando dizemos "são menos ainda", o que queremos mesmo é dizer que "a Cheryl é a única". Pelo menos a acreditar em Nick Schiarizzi, que jura a pés juntos que a actriz Anne Hathaway apareceu assim vestida numa das festas. Percebem porque é que dizemos que a Cheryl é especial?

O colectivo Cheryl volta ao MusicBox no sábado. Ver listas